



AS MULHERES E OS SENTIDOS DAS PRÁTICAS MUSICAIS COMUNITÁRIAS

Women and the meanings of community musical practices

Daniela Weingärtner¹

Resumo: O trabalho é um recorte de uma etnografia da comunidade luterana da Velha Central, em Blumenau, e o olhar está voltado para o musicar das mulheres e o quanto as relações sociais, o *ethos* da comunidade e as emoções vividas em comum são perpassadas e ressignificadas pela música. Assim, a noção de Comunidade é central neste trabalho e é trazida como contraste ao Utilitarismo, conceito abordado enquanto um dos pressupostos do neoliberalismo. Embora não seja a realidade na maioria dos espaços, as mulheres desta comunidade são protagonistas e têm voz e vez nas práticas musicais comunitárias. O trabalho, portanto, olha para a música como ação e busca compreender os sentidos das diversas práticas musicais que acontecem e o quanto o musicar pode ser performance, educação musical, louvor, empoderamento, pretexto para o encontro, ferramenta de revitalização e tantas outras coisas.

Palavras-chave: Musicar. Empoderamento. Comunidade.

Abstract: This text is an excerpt from an ethnography of the Lutheran community of Velha Central, in Blumenau, and the focus is on women's music and how social relations, the ethos of the community and the emotions experienced in common are permeated and given new meaning to music. The notion of Community is central to this study and is brought as a contrast to Utilitarianism, a concept approached as one of the assumptions of neoliberalism. Although it is not the reality in most spaces, the women of this community are protagonists and have a voice and a place in community musical practices. The text looks at music as an action and seeks to understand the meanings of the different musical practices that take place and how music playing can be a performance, musical education, praise, empowerment, a pretext for meeting, a revitalization tool and many other things.

Keywords: Musicking. Empowerment. Community.

¹ Licenciada em música pela Universidade Regional de Blumenau (FURB - 2015), pós-graduada em revitalização de comunidades pela Fundação Luterana de Teologia (FLT – 2021) e mestre em música pelo Programa de Pós-graduação em Música da Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGMUS UDESC - 2018). Atua em contexto comunitário como educadora musical, maestra, pesquisadora e compositora. Seus principais interesses são educação musical em contextos comunitários, relações entre a música e a religiosidade e os sentidos das práticas musicais coletivas. E-mail: daniela.wgt@gmail.com



INTRODUÇÃO

A profetisa Miriã, irmã de Arão, tomou um tamborim, e todas as mulheres saíram atrás dela com tamborins e com danças. E Miriã lhes respondia: Cantai ao Senhor porque gloriosamente triunfou e precipitou no mar o cavalo e o seu cavaleiro. (EXÔDO 15.20-21)

O trecho citado é uma passagem bíblica que, como refrão do canto de Moisés (EXÔDO 15, 1c-18), faz parte do primeiro canto da Bíblia de judeus e cristãos. Pouco antes, Moisés e os filhos de Israel cantam e, a partir do canto deles, Miriã e as mulheres cantam, tocam e dançam. O contexto desse canto é, justamente, o momento da libertação do povo judeu do Egito e traz importantes trechos para a reflexão. Miriã é citada e chamada de profetisa, sendo assim colocada ao lado de Moisés e Arão, seus irmãos. Além disso, esta, que é a primeira batucada bíblica, incentiva todas as mulheres a entrarem na dança.

O episódio da antífona das mulheres apresenta uma Miriã que é liderança religiosa e musical. Ela envolve as mulheres, “contudo suas palavras não são excludentes. Pelo contrário, ela *responde* e convida a todos, homens e mulheres.”²

Não sabemos exatamente que música foi essa, mas é evidente a força desse momento. E é a partir dessa cena que quero apresentar algumas reflexões frutos de uma etnografia e das minhas próprias vivências enquanto mulher, cristã, musicista e feminista.

Estudei, durante meu mestrado³, a Igreja do Caminho, que é uma Igreja Luterana da IECLB que fica localizada no Bairro Velha Central, um bairro periférico da cidade de Blumenau – SC. Esta comunidade luterana tem uma prática musical bem significativa, que envolve muitos membros e extrapola os limites da comunidade. Quando resolvi pesquisar essa prática, meu foco inicial eram os processos de

² GRENZER, Matthias; BARROS, Paulo Freitas. O canto de Miriam (Ex 15,20-21). **Revista de Cultura Teológica**, [S.l.], n. 87, p. 282-299, jun. 2016. p. 297.

³ Dissertação com o Título: Os sentidos das práticas musicais na comunidade da Velha Central, em Blumenau – SC. Orientada por Vânia Beatriz Müller e defendida em 2018, na Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC.

VIII CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE GÊNERO E RELIGIÃO

LIBERDADE - IDENTIDADE - CRITICIDADE



Educação Musical que ali aconteciam e o quanto as práticas coletivas criam a noção de Comunidade e reforçam os *habitus*⁴ comunitários. Minha ideia era falar de música e o quanto a música faz comunidade e esta, por sua vez, reforça os sentidos das práticas musicais. Durante o meu estudo, eu não pretendia falar de Gênero, mas foi algo que o campo naturalmente apresentou.

Na comunidade do Caminho temos um evidente protagonismo feminino nas atividades musicais. Grande parte dos participantes de grupos e alunos de música são mulheres. E entre os músicos da comunidade temos 4 pessoas formadas em música, todas mulheres também. Essa presença forte e liderança ilustra a força feminina da música na comunidade. Essa, porém, não é a realidade em todos os espaços. Em grande parte dos grupos musicais profissionais da região existe uma maioria massiva masculina, em especial na posição de liderança.

Na lógica social que nos envolve, as habilidades técnicas das mulheres são constantemente subjugadas e diminuídas e quando elas têm espaço na performance, muitas vezes são tidas mais como símbolos sexuais do que como artistas. Posto isso, chama atenção a presença massiva e a liderança musical de mulheres no contexto comunitário. Por que isso acontece? Será a música da igreja um espaço de empoderamento feminino? Será a música sacra um campo que dá legitimidade às mulheres?

⁴ *Habitus*, nesse contexto, se refere ao conceito cunhado pelo do sociólogo francês Pierre Bourdieu: “Os condicionamentos associados a uma classe particular e condições de existência produzem *habitus*, sistemas de disposições duráveis e transponíveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, ou seja, como princípios geradores e organizadores de práticas e representações que podem ser objetivamente adaptadas ao seu objetivo sem supor interação consciente de fins e o domínio expresso das operações necessárias para alcançá-los, objetivamente, ‘reguladas’ e ‘regulares’ sem em nada ser o produto da obediência a algumas regras e, sendo tudo isso, coletivamente orquestradas sem ser o produto da ação organizadora de um maestro”. BOURDIEU, Pierre. **O Senso prático**. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 87.



O MUSICAR DA MULHERES

A música feita na Igreja Luterana, embora conhecida e valorizada pelo trabalho profissional de grandes compositores, como Johann Sebastian Bach e George Friedrich Handel, tem uma história um pouco diferente no Brasil. Na região de Blumenau, em grande parte das comunidades, é uma atividade remunerada e, portanto, considerada profissional, há apenas pouco mais de uma década. Assim, numa sociedade em que o homem é tido, tradicionalmente, como o provedor principal, as mulheres podem ter assumido tal tarefa.

Okín, da área da Filosofia Política, trata da ocupação das esferas públicas e privadas e suas relações com o gênero.

Os homens são vistos como, sobretudo, ligados às ocupações da esfera da vida econômica e política e responsáveis por elas, enquanto as mulheres seriam responsáveis pelas ocupações da esfera privada da domesticidade e reprodução. As mulheres têm sido vistas como 'naturalmente' inadequadas à esfera pública, dependentes dos homens e subordinadas à família.⁵

Como o trabalho musical nas comunidades religiosas da região de Blumenau não era considerado profissional até pouco tempo, é possível que as mulheres tenham ocupado esses espaços e assumido a função de ensaiar e preparar as músicas para as celebrações. As mulheres, que a princípio ocupam o mundo doméstico e, portanto, privado, passam a participar da vida musical nas igrejas luteranas.

Na dicotomia público/privado, podemos enxergar a igreja como uma possível extensão do espaço privado e, portanto, espaço de atuação feminina. Se percebermos o que isso pode significar socialmente, uma vez que a prática musical comunitária é um espaço também de criatividade e de liderança, essa extensão do privado parece ser possibilidade de empoderamento.

⁵ OKIN, Susan Moller. Gênero, o público e o privado. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 305-332, maio-ago. 2008. p. 307-308.



Contudo, este projeto solidário e feminista [...] extrapola o âmbito do escrito-supostamente racional e científico e chega/vem para o/do corpo, onde mora outro conhecimento, o da experiência, da vivência musical, dos desejos mais íntimos de fazer uma música que nos acolha e nos represente, que nos ponha em diálogo com outras tantas que compartilham experiências semelhantes. Um espaço de empoderamento.⁶

A possibilidade de empoderamento, de aprendizado, de criação e de expressão genuína da fé através da música traz, para esse contexto, uma força que vai além. O musicar, em especial no contexto estudado, mas não só, é recheado de sentidos e de trocas que ampliam ainda mais as potencialidades dessas práticas. Trata-se de um musicar coletivo, feito no coletivo e para o coletivo.

Essa perspectiva de prática musical é muito discutida pelo antropólogo musical Christopher Small⁷. Segundo o autor,

‘Musicar’ é participar de qualquer coisa em uma interpretação musical. Isso quer dizer que ‘musicar’ não é só interpretar, mas também escutar, ou criar material para uma interpretação musical – o que chamamos de compor – preparar uma interpretação – que chamamos de praticar ou ensaiar – ou qualquer outra atividade relacionada com uma interpretação musical.⁸

Musicar se refere à noção de que a música é verbo e existe, portanto, na ação, e todos os que são movidos por essa música fazem parte do musicar. Além disso, o conceito aponta para aspectos, características e estruturas comunitárias e sociais da música.

A compreensão da música como algo vivencial, ou seja, que acontece na prática nos ajuda a perceber a importância das relações estabelecidas entre as pessoas. Nesse sentido, falar da possibilidade de empoderamento do musicar requer a compreensão de comunidade como algo que vai além do estar junto. Trata-se de compartilhar, incluir, pertencer. Trata-se de ser e fazer Comunidade.

⁶ ROSA, Leila; NOGUEIRA, Isabel. O que nos move, o que nos dobra, o que nos instiga: nota sobre epistemologias feministas, processos criativos, educação e possibilidades transgressoras em música. **Revista Vórtex**, Curitiba, v. 3, n. 2, p. 25-56, 2015. p. 28.

⁷ SMALL, Christopher. El Musicar i el Multiculturalisme. *In*: JORNADES DE MÚSICA, 4., 2002, Barcelona. **Actes [...]**. Barcelona: Universitat de Barcelona, 2002. p. 13-31.; SMALL, Christopher. **Música Sociedad Educación**. Madrid: Alianza Editorial, 1989.

⁸ SMALL, 2002, p. 15-16.

VIII CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE GÊNERO E RELIGIÃO

LIBERDADE - IDENTIDADE - CRITICIDADE



Sawaia vai dizer que comunidade “refere-se à relação baseada no sentimento subjetivo do pertencer, estar implicado na existência do outro, como a família e grupos unidos pela camaradagem, vizinhança e fraternidade religiosa”⁹. Apesar de suas múltiplas interpretações, a palavra comunidade traz, em sua estrutura, dicas do que esse conceito quer dizer. Comunidade refere-se ao que é “comum”, não no sentido banalizador da palavra, mas ao que *co-existe*, seja no âmbito geográfico, social ou religioso. A *coexistência*, no conceito de comunidade, não é apenas existir ao lado, mas, sim, existir *com*, *conviver* em busca de uma *unidade*. *Unidade* essa que não quer ser só, mas sim *coesa*, *unida*, *coletiva* e *cooperativa*.

Para Bauman, a palavra “comunidade”, o que quer que ela signifique, traz consigo uma sensação boa¹⁰. A perspectiva de Bauman, um pouco romantizada, parece fazer parte do imaginário da Igreja do Caminho, uma vez que, na opinião dos membros, a comunidade da Velha Central é uma espécie de paraíso, embora nem sempre seja assim.

É provável que a comunidade ideal não exista, apenas a sua constante busca. Mas há, na sociedade contemporânea, espaços, momentos e grupos que forjam essa sensação de comunidade. Por exemplo, quando uma comunidade canta. O momento do louvor comunitário traz à tona, além da expressão da fé e da fruição musical, a noção de pertencimento¹¹. Através do canto comunitário, cada pessoa se torna parte ativa da comunidade. Criam-se, então, laços e relações. A música movimenta a

⁹ SAWAIA, Bader Burihan. Comunidade: a apropriação científica de um conceito tão antigo quanto a humanidade. *In*: CAMPOS, Regina H. de Freitas (org.). **Psicologia Social Comunitária: da solidariedade à autonomia**. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 35-53. p. 40.

¹⁰ BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 07.

¹¹ Maffesoli, por exemplo, fala de comunidade como a efetuação do estar junto, que ressalta as interações, as convivências e, conseqüentemente, o pertencer. A noção de pertencimento – e do que se pode realizar, sentir ou vivenciar em conjunto – parece ser fruto de uma representação simbólica de comunidade, aqui não idealizada, mas como lugar comum, de sentimentos e valores comuns, o que ele chama de comunidade emocional. MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades pós-modernas**. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.



comunidade, aproxima e integra as pessoas, e, assim sendo, torna-se parte vital para a sobrevivência e sustentabilidade dela.

E quando falamos de pertencimento, falamos de também de ter voz, vez e espaço de fala e expressão. Assim, embora nem sempre seja a realidade, a noção de Comunidade traz consigo a sensação de que todas e todos são importantes e podem ser ouvidas. Tá aí, mais uma vez, o potencial de empoderamento, afinal, as mulheres já estão soando a muito tempo em nossas comunidades.

No interior da comunidade há um *ethos*, que é moldado e reafirmado quando os indivíduos estão em conjunto. Müller diz que “É um *ethos* aprendido através do compartilhamento e da ressignificação de valores, comportamentos, representações e afetividades”¹². Esse *ethos* refere-se, portanto, às visões de mundo e afetividades construídas nas trajetórias em comum. É a marca da comunidade, seu modo de viver e de estar no mundo. E, nesse contexto, a música parece estar na gênese dessa ética ou pode ser parte essencial dela. Isso porque a música perpassa as relações e ações da comunidade e as formas de ver o mundo e de se relacionar nesse ambiente são como um ritual que se repete cada vez que esse grupo social se reúne.

Nesse sentido, a prática musical pode criar esses espaços de empoderamento feminino e, num contexto comunitário, onde são forjadas perspectivas sociais e *habitus* são ensinados, torna-se fundamental pensar em música como potencial de transformação, especialmente em um mundo focado no Utilitarismo.

A estrutura do sistema social vigente traz à tona a busca pela utilidade, pela promoção e pelo êxito social, que é financeiro. E essa perspectiva perpassa as diferentes camadas da sociedade e os diferentes papéis sociais executados por cada indivíduo, embora em diferentes graus. Em algumas esferas da vida, porém, a

¹² MÜLLER, Vânia Beatriz. **Indivíduo músico, música universal**: uma etnografia na Itiberê Orquestra Família. 2010. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010. p. 76.



inutilidade¹³, no sentido de ir contra a lógica capitalista, enche de sentidos as práticas. Ainda mais para nós, mulheres, que não temos espaço e momentos de "inutilidade".

Numa sociedade patriarcal, neoliberalista, e, portanto, individualista, interessa-me entender (e vivenciar) a comunidade. Assim, ao olhar para os sentidos do fazer musical coletivo e seu claro potencial de empoderamento feminino, discuto os valores subjacentes ao fazer musical e ao ser comunidade, especialmente como mulher.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As mulheres, no contexto estudado, são protagonistas das práticas musicais. Embora a origem disso seja uma compreensão de igreja como extensão do espaço privado ou, ainda, o fato de não ser um trabalho considerado profissional e de qualidade até pouco tempo, ainda sim existe um potencial de libertação e expressão e empoderamento.

O musicar comunitário inclui (ou deveria incluir), convida a todos para participar, dá voz, possibilita criatividade, permite a sororidade, nos tira da lógica utilitarista, motiva o encontro, chama a liderança. Esses potenciais são, porém, pouco explorados e estudados.

O desejo é que o potencial de transformação da música seja mais incentivado e que possamos cantar e tocar nossos tamborins como a profetisa Miriam (ÊXODO

¹³ Conviver em uma igreja cristã, assim como a prática e a fruição musical que ali acontecem, são coisas inúteis e, portanto, vitais. Ordine, em seu livro "A Utilidade do Inútil", reflete sobre a vital importância do que é tido, na perspectiva capitalista, como inútil. O autor argumenta que: "Numa acepção muito mais universal, coloco no centro das minhas reflexões a ideia da utilidade daqueles saberes cujo valor essencial está completamente desvinculado de qualquer fim utilitarista. Há saberes que têm um fim em si mesmos e que – exatamente graças à sua natureza gratuita e livre de interesses, distante de qualquer vínculo prático e comercial – podem desempenhar um papel fundamental no cultivo do espírito e no crescimento civil e cultural da humanidade. Nesse sentido, considero útil tudo o que nos ajuda a nos tornarmos melhores". ORDINE, Nuccio. **A utilidade do inútil**: Um manifesto. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2001. p. 07. A importância do inútil é, portanto, tal qual a importância das funções vitais para viver.

VIII CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE
GÊNERO E RELIGIÃO
LIBERDADE - IDENTIDADE - CRITICIDADE



15.20-21), pois o que nós, mulheres, temos para falar e cantar também tem muito a dizer.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **O Senso prático**. Petrópolis: Vozes, 2009.

GRENZER, Matthias; BARROS, Paulo Freitas. O canto de Miriam (Ex 15,20-21). **Revista de Cultura Teológica**, [S.l.], n. 87, p. 282-299, jun. 2016.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades pós-modernas**. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

MÜLLER, Vânia Beatriz. **Indivíduo músico, música universal: uma etnografia na Itiberê Orquestra Família**. 2010. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

OKIN, Susan Moller. Gênero, o público e o privado. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 305-332, maio-ago. 2008.

ORDINE, Nuccio. **A utilidade do inútil: Um manifesto**. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2001.

ROSA, Leila; NOGUEIRA, Isabel. O que nos move, o que nos dobra, o que nos instiga: nota sobre epistemologias feministas, processos criativos, educação e possibilidades transgressoras em música. **Revista Vórtex**, Curitiba, v. 3, n. 2, p. 25-56, 2015.

SAWAIA, Bader Burihan. Comunidade: a apropriação científica de um conceito tão antigo quanto a humanidade. *In*: CAMPOS, Regina H. de Freitas (org.). **Psicologia Social Comunitária: da solidariedade à autonomia**. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 35-53.

SMALL, Christopher. El Musicar i el Multiculturalisme. *In*: JORNADES DE MÚSICA, 4., 2002, Barcelona. **Actes [...]**. Barcelona: Universitat de Barcelona, 2002. p. 13-31.

SMALL, Christopher. **Música Sociedad Educación**. Madrid: Alianza Editorial, 1989.

VIII CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE
GÊNERO E RELIGIÃO
LIBERDADE - IDENTIDADE - CRITICIDADE



WEINGÄRTNER, Daniela. **Os sentidos das práticas musicais na comunidade da Velha Central, em Blumenau – SC.** 2018. Dissertação (Mestrado em Música – Educação Musical) – Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), Florianópolis, 2018.